

O *Outsider* e o Mal-Estar na Cultura: Aproximações entre Machado de Assis e Arthur Schnitzler

Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares
Universidade de São Paulo¹
Brasil

Resumo: O presente artigo pretende expor determinadas relações entre as obras literárias de Machado de Assis e Arthur Schnitzler. Sendo cada um ao seu modo um *outsider*, não pertencendo inteiramente ao modelo ideal de cidadão em sua época e cidade, ambos souberam desenvolver um certo “distanciamento instrumental” e um perspicaz olhar para a sociedade em sua volta e seus tipos psicológicos. Baseando-nos em ensaios de Schwarz e Schorske sobre o Rio de Janeiro e a Viena *fin-de-siècle*, procuramos demonstrar como nossos autores literários dominavam a arte de revelar o deslocamento político e decentramento subjetivo em um tempo e lugar nos quais nenhuma ideologia ou atitude parecia trazer conforto ou esperança face ao mal-estar do sujeito na cultura.

Palavras-Chave: Machado de Assis; Arthur Schnitzler; Mal-estar na cultura; Cultura e Assimilação.

Abstract: The present article intends to expose some relations between literary works by Machado de Assis and Arthur Schnitzler. Being each one of them in some way an *outsider*, not entirely belonging to the ideal model of citizen in their own city and time, both managed to develop a perspicacious vision, a kind of “instrumental dissociation”, regarding their surrounding society and its psychological types. Based on essays by Schwarz and Schorske on *fin de siècle* Rio and Vienna, we try to demonstrate how our literary authors mastered the art of showing the political dislocation and the individual’s *décentrement* in a place where

174

*O Outsider e o
Mal-Estar na
Cultura:
Aproximações
entre Machado
de Assis e Arthur
Schnitzler*

Pedro Heliodoro
de Moraes
Branco Tavares

¹ Professor da Área de Alemão – FFLCH/USP. Doutor em Teoria Literária (UFSC), Doutor em Psicanálise e Psicopatologia (UNIVERSITÉ PARIS VII), Pós-Doutorado em Estudos da Tradução (UFSC).

and at a time when no ideology or attitude seemed to bring comfort or hope to the subject's uneasy in the culture.

Key-words: *Machado de Assis*; Arthur Schnitzler; Unease in the culture; Culture and Assimilation.

O que poderia justificar tal aproximação, sendo Machado e Schnitzler autores de realidades aparentemente tão díspares? É bem verdade que o fato de serem coetâneos (Machado: 1839-1908, Schnitzler: 1862-1931) apontaria para a pertinência desta aproximação mas, se a época em que viveram une esses escritores, uma distância muito grande separaria o Rio de Janeiro da Viena *fin-de-siècle*. Trata-se de uma distância geográfica, é bem verdade, mas o que pretendemos provocar através da reunião desses autores são reflexões acerca do decentramento e do mal-estar “cultural” vividos em suas cidades na época em que eles lá viveram. Tais autores, aliás, não foram somente ilustres habitantes do Rio de Janeiro e de Viena, mas talvez os mais fiéis retratistas de seus conterrâneos, descritos e caracterizados com tão elevada perspicácia psicológica e sociológica.

Mas se Machado de Assis figura entre os mais debatidos e lidos autores de língua portuguesa, talvez o escritor e dramaturgo vienense Arthur Schnitzler mereça aqui uma breve apresentação. No Brasil, quando falamos de Schnitzler, o fazemos “graças” à célebre carta escrita a ele por Sigmund Freud, na qual o psicanalista afirma tê-lo evitado por uma espécie de “mal-estar”. Na carta, ao se congratular com Schnitzler pelos seus 60 anos, Freud expressa seu *Doppelgängerscheu* (temor ao duplo) ao perceber, na obra do escritor, “...sob a aura poética, as mesmas suposições antecipadas, os interesses e conclusões que reconhecia como [s]eus próprios.” (Hinter deren poetischen Schein die nämlichen Voraussetzungen, Interessen und Ergebnisse zu finden geglaubt, die mir als die eigenen bekannt waren.) (Freud, 1922 *apud* Scheible, 1976). Diz ainda tocar-lhe com uma “*familiaridade estranha*” (*unheimliche Vertrautheit*) “sua profunda apreensão das verdades do inconsciente, da natureza pulsional do homem, a ruptura das certezas convencionais-culturais, o apego de seus pensamentos sobre a polaridade do amor e da morte...” (Ihr Ergriffensein von den Wahrheiten des Unbewußten, von der Triebnatur des Menschen, Ihre Zersetzung der kulturell-konventionellen Sicherheiten, das Haften

O Outsider e o Mal-Estar na Cultura: Aproximações entre Machado de Assis e Arthur Schnitzler

Pedro Heliodoro de Moraes Branco Tavares

Ihrer Gedanken an der Polarität von Lieben und Sterben...) (Freud, 1922 *apud* Scheible, 1976).

Basta atentarmos também para as principais temáticas do escritor austríaco, a saber, a morte, a sexualidade e o desvelamento da alma em diálogos interiores (Roudinesco & Plon, 1997), para notarmos a semelhança com as temáticas freudianas. Além disso, a identificação entre Freud e Schnitzler é de ordem não somente das temáticas, mas também pessoal. Sendo o primeiro apenas seis anos mais velho que o segundo, eram ambos médicos, ex-alunos de Theodor Meynert, vienenses, de origem judaica e tidos por seus contemporâneos e concidadãos vienenses como individualistas obstinados, além de terem suas obras taxadas de pornográficas e degeneradas por seus concidadãos (Tavares, 2007).

É curioso que hoje precisemos nos referir a Freud para chegarmos a Arthur Schnitzler. Este, cuja obra desfrutou de grande notoriedade à sua época, parece hoje ofuscado pelo brilho que as ideias daquele ganhou no decorrer do século vinte. Mas libertando agora Schnitzler de sua relação com Freud, voltemos a aproximá-lo de nosso Bruxo do Cosme Velho.

Como um ponto de partida para nossas reflexões, não poderíamos nos furtar de perceber certa relação de ambos com questões envolvendo etnia e poder. A questão do pertencimento étnico, aliás, à época da virada para o século XX se potencializaria pela hoje ultrapassada (?) noção de “raça”. Pelo fato de Machado ser um mulato ao fim do regime escravista e Schnitzler um judeu na Áustria do decadente império dos Habsburgo, não poderia passar incólume a questão do pertencimento a uma etnia pseudo-assimilada na apreciação da obra de escritores que tão cética e magistralmente retrataram uma cidade, um país, uma sociedade. É também uma época onde - e aí sim Rio e Viena se encontram – o deslocamento dessas grandes cidades face aos rumos ditados por Paris ou Londres parece refletir um outro *deslocamento* ou *decentramento*: o do sujeito em busca de seu lugar no mundo e de sentidos pelos quais se deixar guiar.

Já a sexualidade, que aparece nas obras desses escritores, essa se apresenta numa constante sutil para Machado e tema central para Schnitzler. As incertezas quanto aos lugares sociais e o cruzamento entre sexo e poder, “matrimônio e

patrimônio”, passarão pelas apreciações críticas desses perspicazes observadores das sociedades em que viveram. O ensaio inaugural de *Ao Vencedor as Batatas* (1977), livro de Roberto Schwarz dedicado à análise da sociedade brasileira a partir da obra de Machado de Assis, tem aí um título bastante sugestivo: *As idéias fora do lugar*. Não menos sugestivo é o título de outro capítulo de abertura: *Política e Psique: Schnitzler e Hofmannsthal* do livro de Carl Schorske *Viena Fin-de-siècle – Política e Cultura* (1961). Ambos os textos servirão aqui como uma espécie de dupla ancoragem ou talvez, para aproveitar a metáfora machadiana, de “trapézio”.

Voltando a Schwarz, de que *ideias* e *lugares* poderíamos estar falando quando o assunto é o final do século dezenove? Qual a ordem do dia no cenário político-cultural internacional? Sendo as potências econômicas França e a Inglaterra com os Estados Unidos despontando à retaguarda, são dessas nações também importados com suas manufaturas os ideais e referenciais político-culturais mundo afora. Após a derrocada do absolutismo e da aristocracia pela revolução burguesa, instaura-se o *liberalismo*.

Um dos, talvez o principal pilar desta nova ordem econômica, é o trabalho livre e assalariado. Pois no Brasil “domina o fato impolítico e abominável da escravidão”, como abre Schwarz seu ensaio. Aí se figura o impasse do Brasil, ao ter que atender aos interesses internos e externos. “Éramos um país agrário e independente, dividido em latifúndios, cuja produção dependia do trabalho escravo por um lado e por outro do mercado externo” (Schwarz, 1977 p.13).

A nossa recém-nascida independência balizada no ideário liberal oriundo da França e da Inglaterra, que agora havia se impregnado no pensamento da “nova geração”, se confrontava com a velha ordem ainda presente: o meio de produção escravista. Levantaríamos aqui a semelhança da situação destacada por Schorske acerca da capital austríaca, a saber, a grande disputa geracional. No Brasil, assim estaria caracterizado o “choque geracional”: Os velhos, monarquistas escravistas e os jovens, burgueses liberais. Talvez a dificuldade de pensar este embate no Brasil esteja no fato de que, apesar das disputas, o que se evidenciava por aqui eram espécies de trágicas tentativas de aliar discursos incompatíveis, cujos reflexos se verão em todas as esferas: política, econômica, científica e cultural. “Em matéria de

racionalidade os papéis se embaralhavam e trocavam normalmente: a ciência era fantasiosa e moral, o obscurantismo era realismo e responsabilidade, a técnica não era prática, o altruísmo implantava a mais-valia, etc.” (Schwarz, 1977, p. 15).

São justamente estes os aspectos que o mesmo autor apontará na prosa machadiana de *Memórias póstumas de Brás-Cubas* (Schwarz, 1990), na qual logo de início é apresentada, logicamente num tom escarninho e satírico, toda uma série de discursos político-filosóficos e até mesmo religiosos dos mais antagônicos e incompatíveis entre si. A racionalidade e a moral perdem toda a sua aura positiva e construtiva na denúncia de um *nonsense* que permeia as práticas em relação aos discursos. Em *Brás-Cubas*, através das atividades deste representante da alta sociedade fluminense, um “solteirão desocupado”, todas estas incongruências são postas a nu.

Assim, no lugar do Estudo temos alguns anos de folia em Portugal; no da Poesia, os ademanos literários de um viúvo recentíssimo; e no da política um discurso parlamentar sobre a conveniência de diminuir em duas polegadas as barretinas da Guarda Nacional, de modo a torná-las mais leves e maneiras. A Filosofia é representada por reflexões sociais inspiradas em brigas de cachorro, ao passo que a invenção do Emplasto Brás-Cubas faz as vezes de ciência e livre empresa (Schwarz 1990, p. 53.)

Mas e quanto á europeia Viena, tão mais próxima deste tal liberalismo, tão diversa do latifúndio escravista? Enquanto o Brasil assistia as primeiras décadas de sua independência e o surgimento do Império Brasileiro, o Império Austro- Húngaro assistia ao seu ocaso. Viena, século XIX: uma imponente cabeça de um corpo que se esfacela. Ignorando a decadência do Império, a cidade não cessa de se renovar e crescer arquitetonicamente. Derrubadas as fortificações seiscentistas, que outrora defenderam o os austríacos cristãos da ameaça turco-islâmica, o que fazer com a área circum-adjacente? Surge ali a *Ringstraße*, a “Rua-Anel”, na verdade uma larga avenida que, no coração de Viena, dará origem a uma transformação urbana de uma rapidez jamais vista. Uma rua que em si, em sua arquitetura de época incerta,

alternando todos os estilos de época, e em seu próprio formato circular, já parece vir nos denunciar um *fim-da-história*. Em outro livro de Carl Schorske, *Pensando com a História – Indagações na Passagem para o Modernismo*, fazendo eco a esta questão *schwarziana* de situar as ideias no espaço e no tempo, o historiador se refere a este momento da Áustria na *Frühe Moderne* (Primeira Modernidade), como o de um período aistórico (Schorske, 1998). Pelo menos parece ser essa a ideia manifesta em sua vida cultural. A negação da linearidade da história demonstra-se no círculo que lança quem o trilha sempre ao reinício. É também um reinício que caracteriza os anseios da intelectualidade e da juventude vienense. (Tavares, 2007)

Paradoxalmente, “A existência de uma enorme extensão de terra livre no centro de Viena, disponível para o desenvolvimento moderno, foi, ironicamente, uma consequência de um atraso histórico”, escreve Schorske (1961 p. 47). A hipótese de um “atraso histórico” pareceria um tanto tendenciosa nesse momento, dando a ideia de uma direção histórica a ser seguida, nesse caso, por uma cidade. Em termos espaciais ou arquitetônicos, é difícil dizer, mas, em termos de um ideário, há um direcionamento internacionalmente imposto, um direcionamento ao qual as nações procuram se adequar. As reflexões de Roberto Schwarz no referido *As Idéias fora do Lugar* (1977), sobre a inadequação dos ideais liberais na política e economia do Brasil de Machado poderiam, portanto, ser facilmente transpostas à Viena de Schnitzler.

A dinastia dos Habsburgo estava com seus dias contados, perdendo sua força, ao passo que a Burguesia se constituía como tal. Em 1848 os liberais-moderados chegam ao poder, vindo a estabelecer um regime constitucional doze anos depois (Scheible, 1971). Até aí, nos parece, e talvez pudesse parecer a muitos austríacos de outrora, que as ideias, tal como supostamente estariam na França e na Inglaterra, estavam nos seus devidos lugares. Porém, em dois fatos básicos se distinguem a burguesia austríaca da francesa e da inglesa: “ela não conseguiu destruir e tampouco se fundiu totalmente com a aristocracia, e, devido à sua fragilidade, ela se manteve dependente e profundamente leal ao imperador, como um protetor paterno distante, mas indispensável” (Schorske, 1961).

O gosto do liberalismo em Viena não demorou a desvanecer. Uma onda de facções não burguesas não tardou a reivindicar sua fatia no bolo da política. Para enfrentar a “hegemonia liberal” desponta em 1895 o prefeito católico anti-semita Karl Lueger, cuja eleição o imperador Francisco José de início se recusa a ratificar, posteriormente porém, pressionado pelo eleitorado, se vê obrigado a fazê-lo. Neste período, enquanto a cultura moralista vigia na burguesia europeia, despontava na Áustria uma espécie de *Gefühlskultur* (cultura dos sentimentos) que ia numa corrente amoralista. “Os escritores dos anos 1890 eram filhos desta cultura liberal ameaçada.” (Schorske, 1961). Dentre eles um dos nomes de maior destaque é certamente o de Arthur Schnitzler.

Os “jovens”, nas suas diferentes modalidades de expressão cultural, se reuniam em círculos ou movimentos que pretendiam revolucionar a sociedade vienense ou a visão desta. Nas artes plásticas, desenvolve-se o movimento da *Secessão*, cujo maior expoente é, sem dúvida, Gustav Klimt. Na música, começam os primeiros experimentos “contemporâneos” de Schoenberg a contrastar com a música clássica, da qual a cidade era o expoente mundial. Em torno de Sigmund Freud, em sua residência, surge a *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*. E Schnitzler, a que grupo se filiaria? Ao movimento literário *Jung Wien* (Jovem Viena).

Em torno de Herrman Bahr, sentavam-se inicialmente no café Griensteidl², entre outros Hugo von Hofmannsthal, Richard Beer-Hofmann, Peter Altenberg e Arthur Schnitzler. Os membros do *Jung Wien* uniam-se com o objetivo de dar uma mais acurada representação dos estados sociológicos e psicológicos de seus concidadãos. Essa representação dava-se, sobretudo, no âmbito da sexualidade e da morte, dado que serve para desmistificar o caráter pessoal da preocupação com esses temas, seja por Schnitzler ou mesmo pelo já mencionado Freud. Essas questões moviam a quase totalidades dos *Jungen*. Quanto a este grupo de literatos, o modo de expressão que eles encontraram foi o desenvolvimento de novas técnicas de escrita, como o monólogo interior, uma escrita solta, que conduzia o leitor pelos devaneios e pensamentos das personagens (Weinzierl, 1994). Outra técnica comum era a do

² Após 1900 mudam-se para o *Café Central*.

tratamento de questões de alta importância subjetiva em contraste com situações sociais e objetivas de menor importância e vice-versa (Lukas, 1996).

Comum entre eles era designar a incompetência das palavras e da linguagem para a vazão dos sentimentos e das incertezas. Hofmannsthal irá, por isso, procurar no amparo da música um reforço a essa expressão. É ele quem escreverá os libretos para as óperas de Richard Strauss. Situação essa que, intencionalmente ou não, Schnitzler irá retratar no seu maior romance, *Der Weg ins Freie* (O Caminho para o Aberto), onde o protagonista músico acaba não conseguindo levar a cabo o projeto em conjunto com o amigo poeta de comporem uma ópera. Mas, há na ilustração desse caso a maior concordância entre os membros no círculo *Jung Wien*: o ceticismo ou o pessimismo.

Nos Cafés da *Ringstraße*, os Jungen encontravam o lugar ideal para inspiração e observação dos diversos tipos sociais, do mais aristocrático ao menos favorecido, que ao menos uma xícara de café (como ingresso) podiam pagar. Podiam lá tanto confraternizar e discutir o cotidiano público e íntimo da cidade, como se esconderem atrás dos vários jornais que a casa punha à disposição dos clientes e tracejar suas novas composições. A cultura austríaca tradicional, ao contrário da alemã, não era moral, filosófica ou científica, mas basicamente estética, o que dava aos burgueses, sobretudo os de origem judaica, tal qual Schnitzler, uma outra via de assimilação cultural que não a política: a arte. (Schorske, 2001)

Em 1867, ocorre, no Império Austro-húngaro, a emancipação dos judeus, “Francisco José, ao renunciar ao poder absoluto, (...) outorga a igualdade de direitos civis aos judeus, isto é, liberdade de moradia e trânsito. Fim do gueto, do confinamento cívico e geográfico” (Rodrigué, 1995 p. 63) É o início de uma marcha custosa no rumo da assimilação cultural. A questão de pertencer a uma etnia posta à margem da sociedade pode ser avaliada na obra de Schnitzler e de Machado como um *bendito infortúnio* ou um *maldito privilégio*.

Vindos de uma facção social na constante tentativa de conquista de seu espaço sempre ameaçado na sociedade, esta trajetória social pode, ou deve ter servido para um perspicaz *regard du dehors* por parte destes escritores que por isso caracterizaríamos como *outsiders*. Além disso, percebemos nestes escritores uma

acurada observação do belo, culto e correto uso da linguagem em seus escritos: como uma via para a tão almejada assimilação cultural através de uma “pureza” da língua nacional, de modo a compensar a abjeta noção de uma “pureza” racial ou étnica.

No Brasil, somente vinte e um anos depois da promulgação da igualdade de direitos dos Judeus na Áustria é outorgada no Brasil a lei áurea. Por certo, que pode parecer exagerada e descabida a relação entre uma povo estigmatizado e perseguido (os judeus europeus) e um explorado e escravizado (os escravos africanos no Brasil). A questão é que Machado não era exatamente um negro, mas sim um mulato. De tal modo, sim, tantos os judeus europeus quanto os mulatos brasileiros de diferentes modos sofriam da pecha de serem “meio-cidadãos” ou “semi-cidadãos”.

Mulato *não-negro*, Machado não teve o mesmo destino trágico de um Cruz e Souza, mas mulato *não-branco*, arduamente lutou pelo seu lugar na cultura, afirmando-se pela via da erudição, da Literatura. Pôde assim deixar de ser o “Machadinho”, como pejorativamente foi tratado ao longo de quase toda a vida intelectual, para se tornar “Machado de Assis”, conhecido e tratado pelo duplo sobrenome pela posteridade. Esta ascensão na sociedade lhe permite um olhar privilegiado para as classes sociais. Entre os extremos dos escravos e dos latifundiários, dos trabalhadores e dos senhores da terra, é de se ressaltar o tratamento dado aos homens livres, os agregados, *fora dos lugares* pré-determinados.

É o caso patente de José Dias do romance *Dom Casmurro* que se divide em seu “pernóstico do pé rapado” como coloca Schwarz (1997), procurando se afirmar em demonstrações vazias de uma pretensão cultural, ao mesmo tempo tendo que garantir a proteção da família abastada da qual depende. O mesmo ocorre no corrente tema das mulheres que encontram no casamento uma via de ascensão, como é neste mesmo romance o caso de Capitu.

A análise dos tipos e classes sociais e suas desconfortáveis relações, é também tema corrente em Schnitzler, como ocorre na novela *Fräulein Else* (Senhorita Else) (1924), onde a personagem principal apresenta seus devaneios, desejos e resistências ante a possibilidade de se submeter aos caprichos sexuais de um rico capitalista para salvar a família da ruína financeira. Ou em *Reigen* (Ciranda) (1900), polêmico drama onde o carrossel das relações de classe através da

sexualidade é o que une e afasta os diferentes tipos sociais: A prostituta e o soldado, o soldado e a empregada, a empregada e o jovem cavalheiro, o jovem cavalheiro e a mulher casada, a mulher casada e seu esposo, o esposo e a coquete (süsse Mädel), a coquete e o poeta, o poeta e a atriz, a atriz e o conde, e este último fechando a “ciranda” com a prostituta da primeira cena. Se diques separariam de fato as classes sociais, a clandestina e noturna sexualidade as colocaria em um desenfreado e agressivo contato.

Tanto em Schnitzler quanto em Machado, o “fora do lugar” se reflete também em seus estilos. Em ambos, porém, repercute a questão de uma “literatura nacional” e da “análise de caracteres” (Machado de Assis, 1873). Machado em seus ensaios de crítica literária *Instinto de Nacionalidade* (1973) e *A Nova Geração* (1979) demonstra sua preocupação com estes aspectos. Passada a fase do Romantismo a nova geração vem com a proposta do que viria a se chamar de Realismo, inspirado sobretudo nos autores franceses. A preocupação machadiana, porém, é a de se procurar uma literatura nacional, que não se confunda com um “cor-localismo”, não tanto com o descritivo do nacional³, e mais com o narrativo, a exploração profunda das características – por que não dizer – psíquicas das personagens.

Nos textos de Schnitzler esta preocupação também aparece. Ele é considerado aquele que por tal via inaugura o monólogo interior na literatura alemã (Scheible, 1976) com sua novela *Leutnant Gustl* (Tenente Gustl), na qual a problemática nacional não se apresenta pela descrição pormenorizada do panorama político, mas sim nos devaneios de um representante peculiar da sociedade austríaca: jovem tenente cuja honra está ameaçada (Schnitzler, 1900). A maneira sarcástica e imoral como o militar foi caracterizado rendeu ao autor sua expulsão do “difamado” exército austro-húngaro (Weinzierl, 1994).

No entanto, outro romance do escritor austríaco será aqui mais emblemático. Trata-se do mencionado *Der Weg ins Freie* (O Caminho para o Aberto), cujo terreno histórico constituinte seria, segundo Schorske (1961), “O fenômeno de desintegração

³ Cabe aqui a observação de Machado sobre Shakespeare. “(...) e perguntarei mais se o Hamlet, o Otelo, o Júlio Cesar, e a Juilieta e Romeu tem alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se , entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês”(Instinto de Nacionalidade)

da sociedade liberal austríaca sob o impacto do anti-semitismo”. No romance cada uma das personagens se desvia do “caminho” que lhe é socialmente determinado:

O homem de vontade política se torna escritor frustrado, e interioriza a sua vontade em auto-destruição. A jovem judia atraente, feita para uma vida de amor, converte-se numa passionaria socialista militante. O jovem judeu, por temperamento destinado a se tornar oficial militar de fino corte aristocrático, transforma-se em sionista, e assim por diante. (Schorske, 1961, p. 33)

Se colocarmos aqui uma interseção entre *Memórias Póstumas de Brás-Cubas* e *Der Weg ins Freie*, veremos que ambos atestam o *nonsense* de uma sociedade política e culturalmente desorientada. O *caminho para a libertação* que seu protagonista pensa encontrar é o do amor, nos braços de uma moça de classe média-baixa. O mesmo parece acontecer com *Brás-Cubas*, que após escarnecer todos os pilares que tentam sustentar e precária edificação do ideário nacional, encontra, ao menos, certo conforto nos braços da infiel Virgília: “É como se nas circunstâncias brasileiras, caracterizadas no caso pela preeminência da volubilidade, fosse o amor a única forma disponível de plenitude, as outras manifestações do espírito ficando condenadas ao amesquinamento.” (Schwarz, 1990, p. 64)

A busca satisfação em ambos os autores se dá pela via da sexualidade, uma busca que no homem é continuamente barrada pelas exigências da cultura. Aqui cabe destacar as ideias de Freud, contemporâneo de ambos os autores abordados. Em *Das Unbehagen in der Kultur* (O Mal-Estar na Cultura), Freud, se posiciona acerca desta disputa entre as exigências culturais e a vida pulsional do ser humano.

“(…) é impossível desprezar a medida em que a cultura é construída sobre uma renúncia à pulsão, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela repressão, recalque ou alguma outra forma?) de poderosas pulsões” (...es ist unmöglich zu übersehen in welchem Ausmaß die Kultur auf Triebverzicht aufgebaut ist, wie sehr sie gerade

die Nichtbefriedigung (Unterdrückung, Verdrängung oder sonst etwas?) von mächtigen Trieben zur Voraussetzung hat) (Freud, 1930, p. 457).

Numa visão freudiana a cultura venceria as pulsões no caso do protagonista schnitzleriano Georg, que teve que renunciar ao seu amor. No enredo de *Der Weg ins Freie* aparece a *Kulturversagung* (frustração imposta pela cultura) de que Freud trata em seu ensaio. A esperança da consolidação deste amor é oferecida ao leitor pelo prenúncio da chegada do filho de Georg e Anna. No entanto, o tapete lhes é puxado nas páginas seguintes: O Filho de Anna vem morto ao mundo.

Pois isso que sucedera a seu filho fora sem sentido, abjeto, um escárnio de onde quer que seja, para onde não se pode enviar perguntas ou respostas. Para que, para que tudo aquilo? O que significara afinal todos aqueles meses precedentes, seus sonhos, preocupações e esperanças. (Doch das was seinem Kind geschehen war, war sinnlos, widerwärtig, ein Hohn von irgendwoher, wohin man keine Frage und keine Antwort senden konnte. Wozu, wozu das alles? Was hatten nun diese vorhergegangenen Monate zu bedeuten gehabt, mit all ihren Träumen, Sorgen und Hoffnungen?) (Schnitzler, 1908, p.287).

185

O Outsider e o Mal-Estar na Cultura: Aproximações entre Machado de Assis e Arthur Schnitzler

O amor e a sexualidade são os últimos bastiões a serem derrocados para Schnitzler, cuja frase emblemática do drama *Paracelsus* bem expressa esta conclusão: *Sicherheit ist Nirgends* (A segurança não está em lugar algum.) (Schnitzler, 1897). A cultura vence as pulsões tanto no caso de Wergenthin quanto no de Brás-Cubas, que devem renunciar aos seus amores. A esperança da consolidação destes amores é oferecida ao leitor em ambos os romances pelo prenúncio simbólico de uma renovação através da chegada dos filhos. No entanto, a esperança logo cai por terra. Se o filho de Anna vem morto ao mundo, o de Virgília é espontaneamente abortado no início da gestação. Sarcasticamente as *Memórias* de Brás-Cubas se terminam com o pretense balanço positivo de sua vida “*Terminei com um pequeno saldo (...) Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.*” Nem veio seu emplasto curar a melancolia que abate a humanidade.

Pedro Heliodoro de Moraes
Branco Tavares

Referências

FREUD, Sigmund. *Das Unbehagen in der Kultur* in *Gesammelte Werke – Band XIV - Werke aus den Jahren 1925 – 1931*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1930 [1999].

GAY, Peter. *Schnitzler's Century – The Making of Middle-Class Culture 1815-1914*. Nova York: Norton, 2002.

LUKAS, Wolfgang. *Das Selbst und das Fremde – Epochale Lebenskrisen und ihre Lösungen im Werk Arthur Schnitzlers*. Munique: Wilhelm Fink Verlag, 1996.

MACHADO de ASSIS. J. M. *A nova Geração* in *Crítica Litteraria*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1879 [1938].

MACHADO de ASSIS. J. M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1899 [1938].

MACHADO de ASSIS. J. M. *Memórias Postumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1881 [1938].

MACHADO de ASSIS. J. M. *O Instincto de Nacionalidade* in *Crítica Litteraria*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1875 [1938].

RODRIGUÉ, Emilio. *Sigmund Freud – O século da Psicanálise: 1895 – 1995 Volume 1*. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

SCHEIBLE, Hartmut. *Arthur Schnitzler*. Hamburgo: Rowohlt, 1976.

SCHNITZLER, Arthur. *Der Weg ins Freie*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1908 [2001].

SCHNITZLER, Arthur. *Leutnant Gustl*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900 [2001].

SCHNITZLER, Arthur. *Reigen*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1900 [1995].

SCHNITZLER, Arthur. *Senhorita Else*. São Paulo: Paz e Terra, 1924 [1996].

SCHORSKE, Carl E. *Pensando Com a História – Indagações na Passagem para o Modernismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SCHORSKE, Carl E. *Viena Fin-de-Siècle – Política e Cultura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1961 [1990].

SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 1977 [2000].

SCHWARZ, Roberto. *Duas Meninas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo – Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 1990 [2000].

WEINZIERL, Ulrich. *Arthur Schnitzler – Lieben Träumen Sterben*, Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1994.

Recebido em 25 de novembro de 2011.

Aprovado em 01 de dezembro de 2011.

187

*O Outsider e o
Mal-Estar na
Cultura:
Aproximações
entre Machado
de Assis e Arthur
Schnitzler*

Pedro Heliodoro
de Moraes
Branco Tavares